



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzéado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc. etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

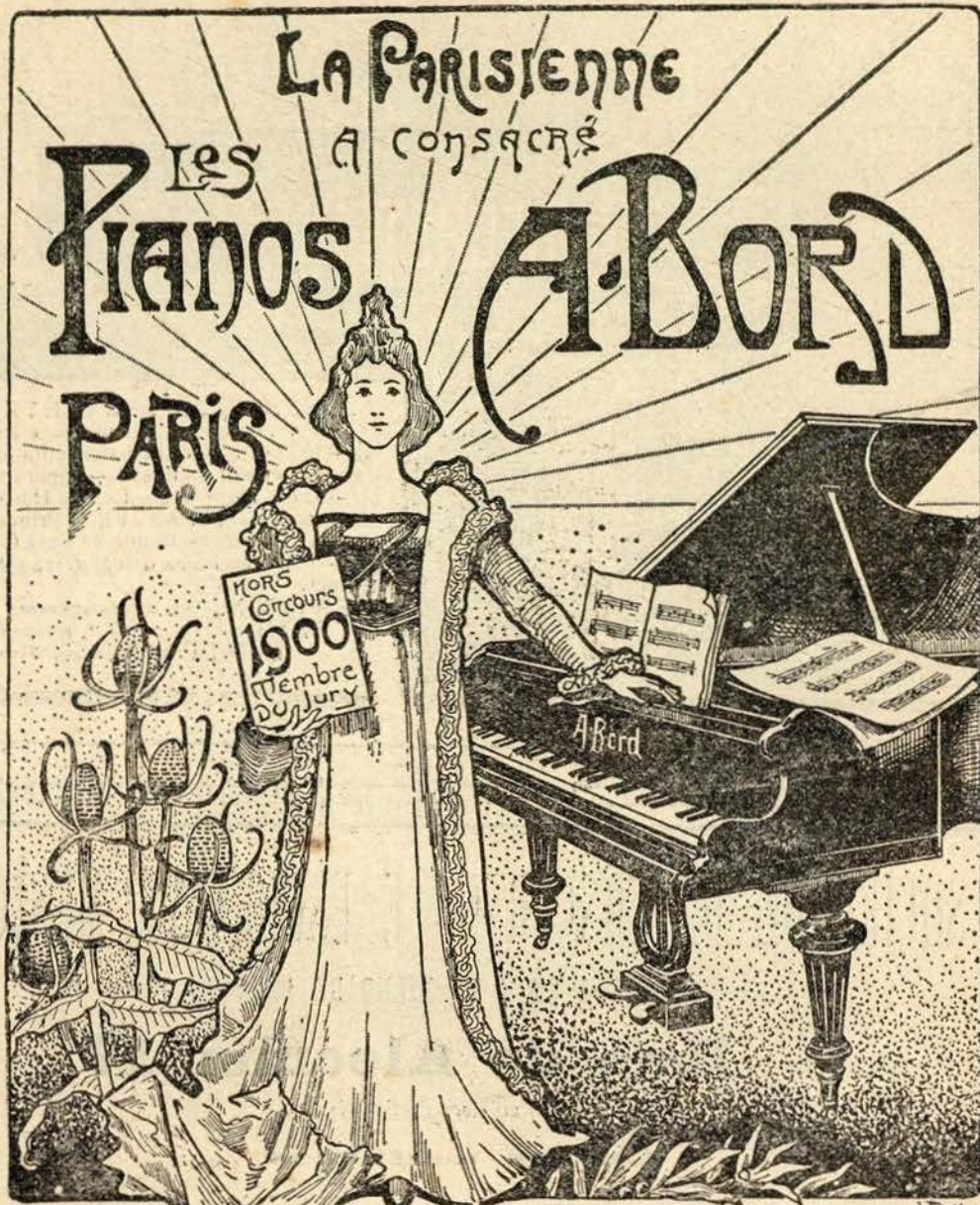
Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



14^{bis} BOUL^e POISSONNIERE *J. Faite*

Commendador da oriem. de Christo (1894)

Fabricação annual	3:000 pianos
Produção até hoje	100:000 "

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FURNECELOS, DAS CORTES DE SS.
 A. M. o imperador da Allemanha e Rei da Prus-
 sia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prus-
 sia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederi-
 ca.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei
 da Romania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da
 Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.
 —Princesa Luiza d'Inglaterra (Marquês de
 Lorne).
 BERLIN N.—53, JOANNISTRASSE
 PARIS.—334, RUE S^t HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para ali se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
 Carlos Gonçalves, Julio Cardona,
 Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro, Wenceslau Pinto,
 Rodrigues Beraud e Pedro José Ferreira*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISBOA

Editor

Mich'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO : — Ao leitor. — Arthur de Greef. — Mathieu Crickboom. — Elsa Rügger. — Um tangedôr de alaúde. — Theatro de S. Carlos. — Concertos. — Uma paixão de Berlioz. — Noticiario. — Os violeiros antigos. (Conclusão)

AO LEITOR

Vae entrar esta revista no setimo anno da sua existencia.

Durante seis annos, em que a «*Arte Musical*» se tem publicado sem a menor interrupção e distribuido com punctualidade pouco vulgar em cousas portuguezas, diligenciamos cumprir amorosamente o nosso programma e corresponder com honestidade á confiança que tão bizarramente nos tem sido dispensada.

O meio musical em que vivemos é demasiado acanhado e restricto para que o apostolado artistico em que nos vamos devotadamente empenhando não tenha de encontrar a todo o passo inesperados obices. Para os vencer nem sempre basta a independencia de character e a abnegação de sagrados interesses. Requer-se, acima de tudo, uma requintada devoção, um acendrado amôr pelas cousas da Arte, com o desejo vehemente de a vêr nobilitada entre nós e apreciada como o é nos paizes mais cultos.

Temos, pelo menos n'esse ponto, a consciencia perfeitamente limpa e a convicção, para nós honrosissima, de que estão comnosco os sinceros e os desinteressados.

Hoje a «*Arte Musical*» é o unico periodico portuguez que se occupa exclusivamente de assumptos artisticos. Não desconhecemos as serias responsabilidades que por esse facto nos impendem e muito menos nos queremos desobrigar d'ellas.

Graças ao favor de preciosos collaboradores, a quem aqui agradecemos commovidamente, graças á generosidade e benevolencia dos nossos leitores e assignantes, podemos desvanecernos com a certeza de ter honestamente trabalhado pela nossa arte e nutrir a esperanza de poder ainda alguma cousa produzir em seu favor.

A DIRECÇÃO



Arthur de Greef

O auctorizado e nem sempre benevolo escriptor d'arte Oscar Comettant dizia ha annos a proposito d'este illustre pianista: — «Não ha em De Greef a menor ideia de *mise-en-scène*, mas apenas essa simplicidade natural e sympathica que tem por unica origem o respeito da arte e a dignidade do artista.»

Para De Greef o mecanismo, que o tem consideravel, está exclusivamente posto ao serviço da obra que se propõe interpretar e escravisa-se ante a ideia do compositor, em vez de buscar nos artificios da technica esse vaidoso elemento de triumpho.

Triumpho apesar d'isso, mas triumpho com a obra que traduz e nunca com o sacrificio d'essa mesma obra — porque serve a sua arte com a devoção d'um fetiche e re-

puta lealmente o que em prejuizo d'ella pudesse porventura valorisal-o aos olhos do vulgo.

Arthur De Greef nasceu em Louvain (Belgica) a 10 de Outubro de 1862; conta portanto apenas 42 annos.

Uma das suas primeiras digressões artisticas, a da Inglaterra, valeu-lhe grandes glorias e fez-lhe grangear tal fama que desde então ficou cotado entre as primeiras illustrações modernas do piano.

Foi tambem digno de registro um giro que em seguida fez pelas principaes cidades hespanholas, Madrid, Barcelona, Bilbao, Valença, Sevilha e outras.

Apesar de manter sempre o seu logar de professor do Conservatorio de Bruxellas, onde difficilmente podia encontrar substituto á altura do seu valor, tem grande predilecção pelas viagens fazendo cons-

tantemente *tournées* em que os seus creditos de pianista de anno para anno se avigoram.

Em 1888 foi buscar a Paris a consagração do seu talento: no anno seguinte voltava á capital franceza, onde tambem se fazia ouvir em 1890 e 1892 com enorme successo.

Depois de ter percorrido as principaes cidades do velho e novo mundos, temol-o em 1904 novamente em Paris, Bruxellas, Colonia, Amsterdam, etc. ovacionado em toda a parte como um dos pianistas da actualidade que mais alto levantaram a bandeira da arte.

Cabe-nos finalmente a vez e Arthur De Greef enceta o anno de 1905 com o primeiro dos seus concertos em Lisboa, onde lhe não faltará de certo o acolhimento que merece.



Mathieu Crickboom

A carreira artistica de Mathieu Crickboom, o notavel violinista belga que se estreia a 5 de janeiro no teatro de D. Amelia, data do dia em que, contando apenas 16 annos e confiado ao grande Ysaye pelo professor Luiz Kéfer, director da escola de musica de Verviers, obteve contra um consideravel numero de concorrentes o primeiro premio do concurso no Conservatorio Real de Bruxellas.

No dia seguinte estava consagrado: Eugenio Ysaye tomava-o para segundo violino do seu *Quarteto* e nomeava-o seu monitor no Conservatorio, afim de o substituir nas suas longas ausencias.

Mais tarde fundou um novo *Quarteto*, com Augenot, Miry e Gillet, cuja estreia teve um exito extraordinario. Quer ao lado dos seus quartetistas, quer como solista e virtuose do violino, começou percorrendo o

mundo em numerosos concertos e teve bastas occasiões de compartilhar as ovações largamente conferidas a Eugenio Ysaye, seu mestre e amigo, tocando com elle os mais celebres duetos de violinos.

Houve porém uma circumstancia fortuita que imprimiu nova orientação á vida artistica de Matheus Crickboom. Convidado por Vincent d'Indy a tomar parte nos *Concerts d'Harcourt* e nos não menos celebres da *Société Nationale*, teve um tal exito com a apresentação das obras da nova escola franceza, que não resistiu á tentação de conservar-se n'aquelle meio artistico, tão atrahente e tão fecundo, interrompendo apenas a sua permanencia em Paris para empreehender algumas viagens pela Allemanha, Russia e Hespanha.

N'este ultimo paiz obteve nm tal triumpho em 1896 que a *Sociedade Catalana* de Barcelona lhe offereceu, com a direcção da sua Academia de musica as funcções de director d'orchestra da *Sociedade Philharmonica*.

Acceitou Crickboom sem esforço um encargo, que lhe permittiu dar nova feição ás suas poderosas faculdades artisticas e conseguiu transformar a capital de Catalunha, onde hoje tem a sua residencia official, em um centro musical de primeira ordem em que sob os seus auspicios se produzem annualmente as melhores notabilidades musicas da Europa e onde elle proprio tem como tocador e como director d'orchestra numerosas occasiões de se fazer estimar e applaudir.

Como todos os grandes concertistas, não perde as occasiões de se fazer applaudir no estrangeiro. Acclamaram-o já as cidades mais artisticas: — Berlim, Paris (nos concertos Colonne), Hamburgo, Bordeus, Lyon, Nancy, Milão, Florença, Bruxellas, etc.



ELSA RÜEGGER

O violoncello é instrumento que poucas mãos femininas acariciam. Entre as raras damas violoncellistas que conhecemos na actualidade, Elsa Rüegger occupa um dos mais honrosos logares, pela naturalidade do seu jogo, pela puresa do mecanismo e pela intelligencia da interpretação.

E' uma formosa *virtuose* de 23 annos, que

do-se-lhe desde logo uma brilhante carreira.

O entusiasmo unanime com que foi acolhida em Berlim, quando com apenas 13 annos ali foi dar concertos, foi uma especie de investidura artistica que os criticos allemães ainda hoje rememoram.

Em 1897 chamavam-a a Paris, pouco depois a S. Petersburgo e em seguida a Londres, sendo alvo nas tres grandes cidades das mais espontaneas e calorosas ovações que um artista pode ambicionar.



mais parece uma artista na plena maturidade da vida.

Nasceu em Lucerna em 6 de dezembro de 1881 e, muito creança ainda, estabeleceu-se definitivamente em Bruxellas, onde aos onze annos já figurava em varios concertos.

E', como Matheus Crickboom, uma laureada do Conservatorio de Bruxellas. Terminado o curso n'este modelar estabelecimento artistico, emprehendeu uma serie de concertos pela Suissa, em Strasburgo, Metz, Francfort e outras cidades, vaticinan-

O exito em Hespanha não foi inferior e temos á vista jornaes catalães d'este anno, que tecem á joven violoncellista os mais rasgados elogios.

O mesmo podemos dizer do Porto, onde Elsa Rüegger se fez ultimamente ouvir e onde a imprensa, como aqui dissemos no anterior numero, classificou a notavel instrumentista por forma quanto possivel lisongeira, com abundantes referencias do mais genuino entusiasmo. Como se vê, a carreira da gentilissima artista tem sido uma serie ininterrompida de legitimis triumphos.

Lopo de Condeixa

Um tangedor de alaude

Não são poucos os músicos instrumentistas e cantores — que floresceram no reinado de D. Affonso V, e d'elles já tive occasião de apresentar um rol n'esta Revista.

Destacarei agora o nome de Lopo de Condeixa, cujo appellido indica porventura a sua naturalidade, hypothese até certo ponto confirmada por um documento. Exerceu elle por algum tempo o cargo de requeredor das jugadas de Coimbra e seus termos, cargo que renunciou em Pero Anes creado da infanta D. Izabel, duqueza de Borgonha, a quem D. Affonso V o concedeu e confirmou em carta de 27 de novembro de 1464.

Por outra carta, de egual data, foi dado ao mesmo Pero Anes, por tres annos, o officio de escrivão da coudelaria de Coimbra, que o dito Lopo de Condeixa acabára de servir. Como se sabe Condeixa não fica muito distante de Coimbra.

Lopo de Condeixa era tangedor d'aquelle monarcha, que o tinha por certo em grande estima, a ajuizar por uma importante mercê que lhe fez concedendo-lhe, completamente isentas, as asenhas de Alpiarça, proximo de Almesirim, com toda a sua terra, entradas, saidas e cháos e mais cousas e rendas, a ellas pertencentes segundo estava demarcado por Gil Pires de Resende contador dos Almojarifados de Santarem e Abrantes. A carta em que se lavrou esta doação é de 14 de junho de 1459.

E' possivel que D. Affonso V, lhe houvesse feito ainda outras mercês, de que nos falta o conhecimento, ou por não se terem registado, ou por se ter perdido o registo.

Lopo de Condeixa não figura no *Diccionario* do sr. Ernesto Vieira e quer-me parecer que o seu nome é a primeira vez que apparece em publico.

Eis agora os documentos comprovativos:

«D. Afonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a P^o Anes, morador em Coimbra, criado da Infante dona Isabell, teemos po bem e damolo daqui em diante por enqueredor das jugadas da dita cidade e seus termos assy e pella guisa que o atee ora foy Lopo de Condeixa, nosso tangedor, que o dito officio tynha per nosa carta e o renu-

ciou em nossas mãos que o dessemos a quem nosa mercêe fosse segundo dello fomos certo per huu estormento feito e asynado per G.^o Vaaz nosso tabaliam em a dita cidade aos xii dias do mes de novembro da era desta carta. E porem mandamos ao nosso contador em a dita comarqua e ao almoxarife das ditas jugadas e a quaees quer outros nossos officiaes e pessoas, a que o conhecimento desto pertencer e esta nossa carta for mostrada que ajam: daqui em diante o dito P.^o Anes por enqueredor das jugadas, como dito he, e outro alguu nõ e lhe leixem servir e usar delle e aver o mâtimento e percalços proes e direitos que e ele perteecem ou perteeecer devã per qual quer guisa que seja, assy e tam conpridamente como tee ora foy e ouve o dito Lopo de Condeixa, e melhor se o elle com razam e direito milhor poder teer e aver, por que nosa mercee e vontade he fazermos lhe delle tam enteiramente mercee como nos bem podemos. O quall P.^o Anes jurou em a nosa chancelaria etc. Carta em forma. Dada em Estremoz xxbij dias de novembro. El Rey o mādou per Lopo d'Almeida do seu conselho e veedor da sua fazenda. Alvaro Vaaz a fez ano de nosso S.^o Jhu Xpto de mill iiii^o lxiij.»⁽¹⁾

«Dom Afonso etc. Carta de P^o Anes, morador em Coimbra per que o damos por esprivã da coudelaria em a dita cidade e seu termo da feitura desta carta atee tres anos primeiros seguintes asy e pela guisa que o foy Lopo de Condeixa, que ora acabou de servir seu tempo etc. carta em forma. Dada em o Vimieiro tres dias de dezembro — el Rey o mādou per Fernã da Silveira, seu coudel mór. P.^o do Rego a fez ano de noso Senhor Jhesu X.^o de mil iij lxiij.»⁽²⁾

«Dom Affonso etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que consyrando nos o serviço que temos recebido e ao diãte esperamos receber de Llopo de Condeixa, nosso tamjedor d'alaude, e querendolhe ffazer graça e mercee temos por bem e queremos que elle tenha e aja de nos daqui em diante em sua vida as nossas açenhas que estã em Alpiarça que sam acerca d'Almeirim, que elle trazia de nos aforadas, com toda sua tera, entradas e saidas e chaãos per a guisa que he demarcado per Gill Pirez de Resende noso contador em os almoxarifados de Santarem e Abrantes e todallas outras cousas que a ellas pertêcem sem falecer cousa alguua e ajam a renda e direitos dellas como

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V. L.^o 8 fol. 27.

(2) Idem, idem, fol. 27 v.

nos averiamos se por nos se recadasem sem nos dellas pagar foro alguu nem outro trabuto. E porem mādamos ao dito Gill Pirez e ao almoxarife da dita villa de Santarem e a quaees quer outros nosos officiaees e pesoas a que o conhicimento desto pertencer per quall quer guisa que seja e esta nossa carta for mostrada que meta n em posse das ditas acenhas o dito Lopo de Condeixa com toda sua tera entradas e saidas como dito he, e o nom costrāgā nem mādem costrāger que dellas page foro nem trabuto alguu em sua vida, por quanto nos lhe fazemos dello mercee per a dita guisa sem outro enbargo, e mādamos ao esprivā do dito almoxarifado de Sātarem que registre esta carta em seu livro pera se saber como esto teemos dado a Lopo de Condeixa e elle tenha pera sua guarda. Dada em a nosa cidade de Lisboa xiiij dias de mes de junho — Alvaro Pirez a fez — ano do nacimiento de nosso Senhor Jhesu xpõ de mill m^c lxx.^o (1)

SOUSA VITEIRO

Theatro de S. Carlos

Em recita de abertura do theatro de S. Carlos, a 18 do corrente, tivemos occasiao de applaudir de novo, no *Othello* de Verdi, o nosso muito conhecido barytono Giuseppe Kaschmann. O Iago tem no consciencioso artista uma personificação com apparencias de realidade, e já não é a primeira vez que nos referimos com elogio aos meritos de Kaschmann, como actôr. Acima de tudo temos porém de o applaudir como cantôr, por ser hoje um dos poucos artistas da velha escola que, pela magnifica empostação da sua voz e pela arte com que d'ella se serve, nos faz recordar dos bons tempos em que se ouvia cantar bem.

Não temos portanto de nos referir a este ou áquelle trecho em que a pericia artistica de Kaschmann se salientasse, porque, a principiar pela canção bacchica do primeiro acto, de que o illustre artista soube defender-se com maestria, o trabalho do segundo e terceiro actos é digno de incondicional applauso.

Prestada a nossa homenagem ao verdadeiro merito, diremos agora que a sr.^a Aida Alloro (*Desdemona*) e o tenor Antonio Paoli (*Othello*) são dois artistas novos com

magnificos recursos vocaes para darem bons cantores, e que muito aproveitarão em trabalhar ao lado de artistas com a escola de Kaschmann.

Os còros, principalmente no 1.^o acto, mostraram ter falta d'ensaios. Nem é isso para surprehender, attendendo á precipitação com que as operas são postas em scena a fim de variar espectaculos diarios, e sendo, de mais a mais, preciso aproveitar todo o tempo para ensaiar a *Thaïs*, que tinha de ser cantada em 1.^a recita extraordinaria.

Deixemos portanto o *Othello* em paz e fallemos da

THAÏS

principiando por fazer umas rapidas considerações a respeito do libretto.

Da evolução musical moderna, impulsionada principalmente pela escola wagneriana, resultou o abandono da regularidade e sobretudo da quadratura dos periodos melodicos, o que, como é sabido, constitue um dos principaes caracteres da classica melodia italiana.

D'essa evolução deveria partilhar o verso do poema lyrico, verso que, conforme as conveniencias da inspiração melodica, sempre foi mais ou menos mutilado pelos musicos compositores, que ás vezes o reduzem a uma prosa rimada?

Deveria ser abandonada a formula classica do verso lyrico para se adoptar uma especie de «poema em prosa»?

Esta questão é já muito antiga na historia da arte, embora devida a differentes causas. A Carlos Gounod coube ha cerca de trinta annos a honra de propôr a resolução do problema, que ficou insolvel. Ha talvez dez para onze annos foram entrevistados, com o mesmo fim, parte dos melhores compositores francezes, como o proprio Gounod, Massenet, Ambroise Thomas, Saint-Saëns e alguns litteratos de importancia. Nenhum d'elles deu, porem, opinião definitiva, fazendo depender a solução final da composição de qualquer partitura com libretto em prosa livre. Então a experiencia de cada um resolveria conforme o resultado colhido. Apenas Gounod, que parece não ter ficado muito satisfeito com a sua partitura do *George Dandin*, para a qual aproveitou o texto original de Molière, respondeu: «que toute prose n'est pás également apte à être chantée et que la rythmique de la prose doit faire l'objet d'une étude spéciale».

Massenet procurou dar solução ao problema e, resolvido a compôr a musica para um drama lyrico extraido do romance *Thaïs*

(1) Idem, idem, L.^o 36, fol. 208v.

d'Anatole France, encarregou Luiz Gallet de escrever o libretto, com a condição de que fosse um *poema em prosa*. E Gallet satisfez ao desejo de Massenet, escrevendo um *poema melico*, sem rima, onde o numero e o rythmo das palavras é respeitado e onde a forma litteraria é sufficientemente livre e malleavel para permittir a melodia de periodos irregulares e asymetricos. E' uma prosa em que a ideia é contida em limites metricos.

E' esta a principal novidade do poema da *Thaïs*, drama lyrico cantado pela primeira vez em 16 de março de 1894 e que, pela incuria dos emprezarios de S. Carlos em fazer conhecer as composições dos musicos francezes, de verdadeiro merecimento, só agora, em 22 do corrente, viu a luz da ribalta no nosso theatro lyrico.

Se o assumpto da *Thaïs* não deu logar a Massenet para melodias de lyrismo transcendental, vendo-se forçado a empregar em demasia o estylo religioso,— e é esse o grande inconveniente d'esta partitura,— deu ao menos ensejo a um poema que mostra estar resolvido o problema da solidariedade entre as phrases litteraria e musical. Está encontrada a formula do accôrdo entre o poeta e o musico. Se ainda não é tempo de progredir, voltando ao antigo, conforme a indicação de Verdi, pôde a orientação musical moderna dispôr de mais um elemento de valôr para proseguir na sua evolução.

Como já demos a entender, o assumpto da *Thaïs* não proporcionou ensejo a Massenet para escrever uma partitura que agradasse sem restricções. Massenet é um mestre. As suas melodias, a sua primorosa e variada instrumentação, em que ha sempre um cunho de originalidade, mostram a sciencia e a indole poetica do compositor. E essa indole, como na *Sapho*, leva-o mesmo a transformar a psychologia e o modo de ser d'algumas das protagonistas dos seus poemas lyricos.

Na *Thaïs* o assumpto é ingrato. A não ser nos bailados, convencionalmente intercalados no segundo acto com o fim de momentaneamente alegrar a scena, e no segundo quadro do primeiro acto, em que ha uns dialogos frivolos com umas risadas forçadas, o resto do poema reveste um cunho de religiosidade improprio para agradar a frequentadores de theatro lyrico.

No primeiro quadro, na Thebaida, apparecem os *leit-motive* dos monjes e de Atanael, predominando o estylo liturgico. A visão de *Thaïs*, com a sua pequena orchestra interna, deixa o espectador indifferente e o quadro termina com o côro religioso.

No principio do segundo quadro o estylo

musical, que caracteriza a Alexandria, tem originalidade e seria uma nota alegre a ponderar se a melodia imprecativa de Atanael lhe não empanasse o brilho. Depois do quarteto, que é interessante, e n'uma das ultimas scenas d'este quadro, é que *Thaïs*, dirigindo-se a Atanael, canta a phrase *l'arché tanto severo*, que repetirá na apparição do segundo quadro do ultimo acto. A presença e as phrases imperiosas de Atanael n'esta scena prolongam no espectador a mesma acabrunhadora oppressão que trouxe do primeiro quadro.

A romança de *Thaïs* no começo do segundo acto é uma pagina musical de valor, em que as sensações da protagonista estão magistralmente traduzidas. Mas é melodia que precisa de cantora com voz extensa, bem timbrada e que saiba servir-se d'ella.

O intervallo do primeiro para o segundo quadro d'este acto é preenchido pelo já celebre andante religioso *Meditação de Thaïs*, conhecido e muito apreciado solo de violino, que constitue a synthese do drama. E' talvez a pagina musical de maior valôr de toda a partitura. Massenet deu n'esta melodia largas á sua inspiração. E' com certeza o trecho mais empolgante e que mais agrada. A phrase thematic d'esta melodia faz se ouvir algumas vezes no quadro seguinte, porque synthetisa a conversão de *Thaïs* e é sobre esta mesma melodia que Massenet contraponta todo o duetto final do ultimo acto. E' tambem com este trecho melodico, tocado pelo naipe de primeiros violinos, que termina o primeiro quadro do mesmo acto.

As personagens principaes d'este drama lyrico são *Thaïs*, sr.^a Palermi, e *Atanael*, barytono Bouvet.

A belleza e plastica da sr.^a Palermi traduzem por certo com fidelidade os encantos que devia possuir a egypcia *Thaïs*.

O sr. Bouvet fez um estudo completo do desempenho dramatico a dar ao papel de Atanael. Expressão de rôsto e gestos traduzem fielmente todos os sentimentos. Em todas as situações o sr. Bouvet dá provas cabaes do estudo feito e parece-nos difficil encontrar quem o eguale na interpretação do papel de Atanael. Como cantôr, se não é um barytono de voz sonora e vibrante, dispõe ainda assim de volume de voz sufficiente para dominar as situações theatraes e demonstra não ter descurado a educação da voz, o que é um dos bons predica-dos dos artistas francezes na época actual.

A orchestra, que tem artistas de muito valôr, alguns d'elles portuguezes, tocou de modo a ser digna de todo o elogio. Mas parece ter sido muito difficil de dirigir, a avaliar pelo afan com que o maestro percutia

constantemente sobre a partitura. Falta de ensaios, naturalmente, que foram supridos pela pericia dos executantes.

*

Na noite de 26 foi cantada a *Aida*, pelo soprano Alloro, meio-soprano Leonardi, tenor Paoli, barytono d'Albore e baixo Spoto.

A sr.^a Emma Leonardi, que ha já bastantes annos ouvimos em S. Carlos, conserva ainda bastante brilhantes as notas do registro grave. A parte d'Amneris requer porém cantora n'outras condições.

O barytono d'Alboré tem voz de timbre agradável, sonora e vibrante. Parece ser estudioso e é natural que, se d'aqui a alguns annos voltar a S. Carlos, tenhamos o prazer de o ver applaudir.

O baixo Spoto não teve na *Aida* ensejo de mostrar quanto vale.

Com este turno d'artistas a opera de Verdi não teve agora em S. Carlos o desempenho que lhe é devido.

29 de dezembro.

CONCERTOS

Ha muito tempo que se nos não depara, em pleno inverno uma quinzena inteira absolutamente vazia de audições musicas.

Achamos adoravel um interregno assim de quando em quando. Permite nos todas as doçuras d'um saboroso *far-niente*, a que em boa verdade não estamos muito acostumados, e tem ainda a vantagem de dar ao nosso bom publico de concertos um momento de repouso bem merecido — não fallando já na tregua salutar que disfructa, com tão justificado direito, a bolsa de cada um...

Mas com tal escassez de assumpto maior obrigação nos corre de reparar uma falta da nossa chronica passada, no respeitante ao *recital* de piano que a eximia concertista D. Christina Mouchet foi dar ao Porto em 12 do corrente mez.

Teve logar este concerto no theatro Gil Vicente, figurando no programma uma *Sonata* e um *Rondó* de Beethoven, a *Pastoral variada* de Mozart, *Momento musical e Impromptu* de Schubert, *Estudo. Berceuse e Polonaise* de Chopin e outras obras de Rheinberger, Tschalkowski, Moskowsky etc.

A impressão produzida pela distincta pianista lisbonense foi excellente e basta, para o provar, a transcripção que nos permitimos fazer da illustrada folha portuense *O*

Primeiro de Janeiro, que assim se exprime a proposito da notavel discipula de Rey Colaço:

«Mlle. Mouchet, se não é uma pianista impecavel, possui, comtudo, qualidades que muito a recommendam. Entre outras tem, por exemplo, uma apresentação modesta, natural, despretençiosa, que captiva desde logo; c nhece muito bem o teclado, imprimindo-lhe, por vezes, grande sentimento e exhibe uma technica correcta, como aliás se viu na maneira como atacou a *Sonata* de Beethoven e interpretou a *Berceuse*, de Chopin, numeros estes, além d'outros, que obtiveram pleno exito.

Mlle. Mouchet é muito nova ainda, e com os predicados apontados, póde vir a ser — e sel-o-ha, estamos certos d'isso — uma pianista digna de ser citada entre as primeiras.»

Tal é tambem o nosso parecer e, se como parece certo, Mlle. Mouchet se vae consagrar exclusivamente á vida de concertista, não será arriscado vaticinar lhe uma gloriosa e scintillante carreira.

UMA PAIXÃO DE BERLIOZ

Quando eu ainda pouco conhecia a vida de Berlioz, esse grande musico, cuja vida se resume em uma grande lucta moral, cahiu-me nas mãos um dos volumes da sua obra litteraria, intitulado «Cartas intimas». Quando acabei de ler o pequeno prefacio de Gounod e encetei a leitura da segunda carta datada de 29 de novembro de 1827, mal sabia eu que os meus olhos iriam cair sobre um documento, o primeiro por assim dizer, d'uma pagina bastante dolorosa da vida do glorioso auctor de «*l'Enfance du Christ*!» A pequena phrase que eu li, revelou-me logo um mysterio da sua vida, porque notei logo que as poucas palavras de que ella se compunha eram nascidas bem do fundo do coração, bem do intimo da sua alma: «*Je suis depuis trois mois en proie à un chagrin dont rien ne peut me distraire...*» e foram estas tristes palavras que me despertaram então a minha curiosidade de conhecer toda a sua vida e de ler toda a sua obra.

Fallar hoje de paixões ardentes, talvez disperte em alguns leitores um certo riso; mas é necessario lembrar que nos devemos transportar á epoca em que vivia Berlioz, que apesar de não estar muito longe, pois o grande musico falleceu em março de 1869, viveu em uma epoca em que o interesse não tinha invadido o coração, e o amor não

era uma palavra vã. Por isso ao folhearmos as paginas da vida de Berlioz n'essa epoca sentimos um certo prazer em analysar a lucta de uma grande alma, como ella soffria, como ella amava!

Mas, quem é essa mulher que veio marcar uma epoca dolorosa na vida do grande compositor? Essa mulher de *grandes olhos azues, cheios de luz e soffrimento*, como disse Jorin, foi a actriz Smithson, symbolo d'uma grande tortura d'alma! Os francezes ainda não se tinham esquecido de Waterloo, essa batalha ainda estava na mente da França inteira; foi o theatro de Shakespeare que se impoz, chegando Musset a dizer: «*Je donnerais vingt cinq francs pour avoir une pièce de Shakespeare ici en anglais. Ces journaux sont si insipides!*»

Smithson fazia parte de uma companhia ingleza que veio dar a Paris uma serie de espectaculos. Apresentou-se ao publico da capital franceza em uma comedia representando logo no segundo espectaculo a *Ophelia* do *Hamlet*, que foi um verdadeiro triumpho para Smithson. Berlioz na Gazetta musical de 1834, descreve essa noite brilhantemente!

Foi d'essa noite que nasceu a paixão de Berlioz. Estava no theatro, viu-a, admirou-a e um só olhar bastou para lançar no coração do grande musico a semente dourada d'um amor ardente, cheio de vida.

A primeira phase d'este amor passou-a Berlioz apenas contemplando Smithson muito de longe; fugia d'ella, quasi que a não queria ver! Ia ao theatro quando ella não representava, sentava-se pallido, taciturno, cabellos desgrehados, triste!

Depois... escreveu-lhe umas cartas re-passadas de amor, sem obter nenhuma resposta.

Pelas noites escuras, a altas horas, em que os candieiros das ruas lançam uma luz frouxa e cheia de sombras movediças, Berlioz vagueava pelas ruas, absorto, só vendo apenas diante de si a imagem d'aquella mulher aureolada de uma luz vaga, mysteriosa! D'uma vez a um canto do café do «*Cardinal*» dormiu cinco horas, e os creados do café não ousavam tocar-lhe julgando que estivesse morto!

A sua *Symphonia phantastica* é uma declaração d'amor, escripta em musica, a essa mulher que era a luz dos seus olhos, toda a sua vida.

Foi no Conservatorio, a sala estava em festa, mulheres elegantissimas enchiam o vasto salão, respirava-se em um ambiente verdadeiramente artistico, emoldurado por um publico escolhido. A actriz Smithson lá estava a assistir a esta festa, que foi

uma das mais notaveis da vida de Berlioz.

Passados tempos, Smithson, tornou-se a mulher do grande compositor, nasceu então para ambos uma vida de continuas disputas; Berlioz com o seu caracter irrequieto tornou-lhe a vida infeliz!

Encontrou em Smithson a mulher, a esposa pura que idealisára nos seus sonhos dourados cheios de amor?

Sobre este ponto encontramos em uma carta datada de 11 de outubro de 1833 as seguintes linhas: «*Pour moi, je puis comme à mon meilleur ami, vous dire et vous affirmer sur l'honneur, que j'ai trouvé ma femme aussi pure et aussi vierge qu'il soit possible de l'être. Et, certes, dans la position sociale où elle a vécu jusqu'à ce jour, elle n'est pas sans mérite d'avoir su résister aux mauvais exemples et aux séductions de l'or et de l'amour-propre dont elle était sans cesse environnée.*»

Smithson foi abandonada sem nenhuns motivos contra ella, é este o lado sombrio d'esta paixão. E' digno das maiores censuras o procedimento de Berlioz e conseguiria que todos duvidassem da sinceridade do seu amor, se o auctor da *Damnation de Faust* não mostrasse á hora da morte de sua mulher que sentia ainda por ella o mesmo amor, os mesmos sentimentos.

Smithson falleceu em 3 de março de 1854, estando ao pé do seu leito de morte, Berlioz, prestando-lhe todos os carinhos. Não poderemos traduzir este procedimento de Berlioz por uma especie de arrependimento?

Segredos do coração humano!

Dezembro 904.

Alfredo Pinto Sacavem.



DO PAIZ

Com o solido apoio dos nossos principaes amadores de canto, vae começar a funcionar no proximo mez de janeiro a *Scola Cantorum*, nova instituição musical que se deve á iniciativa, sempre esforçada, do conhecido maestro Alberto Sarti.

São mui variados os intuitos que presidiram á formação d'este novo instituto: promover conferencias sobre musica religiosa, abrir aulas de canto individual e colectivo, preparar gratuitamente um nucleo de coristas portuguezes que possam seguir a carrei-

ra lyrica no nosso primeiro theatro, divulgar por meio de audições periodicas as obras primas da musica vocal, desenvolver emfim por todas as formas o gosto pela arte do canto nas suas mais nobres manifestações.

Os concertos serão annualmente quatro, constituindo a primeira serie um cyclo historico do mais alto interesse que marcará com os nomes de Palestrina, Mozart, Cherubini e Perosi as quatro *etapes* mais celebres da musica até á actualidade.

De Palestrina ouvir-se-ha logo no primeiro concerto a celebre *Missa do Papa Marcello*, essa famosa obra prima do seculo xvi que ficará immorredoura nos annaes da musica sacra de todos os tempos; seguir-se-lhe-ha o inspirado *Requiem* de Mozart que preencherá segundo o concerto.

No terceiro e no quarto terão respectivamente logar as melhores obras de Cherubini e de Perosi, que definem perfeitamente as evoluções mais palpitantes da arte sacra, determinando este ultimo a forma hodierna, com todas as exigencias que actualmente imperam sobre a esthetica da musica religiosa.

Os còros são escolhidos pelo maestro Sarti entre os principaes amadores de Lisboa e a orchestra nos tres ultimos concertos será expressamente contractada para esse fim.

Dizem-nos haver já um consideravel numero de assignantes para estes concertos, que serão, assim o esperamos, um notavel acontecimento d'arte entre nós.



Tivemos optimas noticias do violoncellista David de Sousa, que foi como se sabe para a Allemanha, com pensão do estado.

O moço artista está em Leipzig recebendo lições particulares de Julius Klengel, enquanto se não matricula no Conservatorio. A peça de apresentação ao grande mestre foi o primeiro andamento do concerto de Popper, devendo o nosso compatriota executar nos exames da Paschoa os Estudos de Lee, op. 57 e o Concerto de Popper, na sua integra.

E' n'essa epoca que David de Sousa entra para o Conservatorio e no entretanto, alem do estudo das obras citadas, está submettido a uma rigorosa *dieta* de escalas em todos os tons e de *cordas soltas* na proporção de duas horas diarias.

Julius Klengel em uma das lições tocou uma *Chaconne* d'uma difficuldade espantosa que compoz expressamente para Guilhermina Suggia, a quem n'essa occasião classificou como a maior violoncellista do mundo,

dizendo valer ella mais que todos os concertistas juntos.

E o certo é que a optima impressão que a nossa já celebre violoncellista deixou na Allemanha tem concorrido poderosamente para que ali sejam bem acolhidos os artistas do nosso paiz, que, no dizer de alguns professores allemães, é um povo de musicos.



Partiu para Italia a talentosa cantora Regina Pacini.



E' definitivamente a 7 do proximo janeiro o terceiro concerto que n'esta epoca organisa a *Sociedade de Musica de Camara*.

No programma figura a primeira audição do *Trio* d'Arenski e de outras obras igualmente importantes.



Parte amanhã de Leipzig com destino a Lisboa o nosso presado amigo e correspondente n'aquella cidade, o sr. Joaquim F. Ferreira da Silva.

Vem como de costume passar as ferias com sua illustre familia.



Foi escripturado para reger a cadeira de violino na *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* o distincto professor Francisco Benetó, que d'esta forma fica accumulando os serviços profissionaes d'esta importante aggremação com os trabalhos da *Sociedade de Musica de Camara* em que tem collaborado ha tres annos.



Com o proximo numero da *Arte Musical* distribue-se o indice das materias, que aqui foram tratadas no decurso do corrente anno de 1904.

As encadernações especiaes, para este anno já estão á disposição dos nossos estimaveis assignantes e leitores, sendo o preço como de costume 600 réis (empaste incluso).



A pedido do sr. marquez de Bisio, ministro de Italia n'esta còrte, foi agraciado com a cruz de cavalleiro da Ordem da Corôa de Italia, o distincto amator de musica sr. visconde de Borges da Silva, substituto do juiz de direito na cidade da Horta.

Felicitamos o illustre titular por tão merecida distincção.



A nossa grande violoncellista Guilhermina Suggia foi entusiasticamente recebida pelo publico de Bremen onde se apresentou em 13 do corrente mez. As ovações tocaram as raías do delirio, sendo a genial artista chamada por dez vezes, facto este muito raro nos publicos allemães.

Apresentou n'este programma os concertos de d'Albert e Svendsen, tocando extra-programma obras de Klengel, Chopin e Davidoff

Com successo identico foi ouvida em 16 em Baden-Baden, constando-nos já que a insigne concertista foi convidada para um concerto em Praga e outro em Londres.

OS VIOLEIROS ANTIGOS

(Conclusão de uma serie de artigos publicados nos n.ºs 107, 110, 111, 112, 113, 117, 120, 125, 127, 130, 133, 136, 141 e 143)

Bibliographia

Nem todos os nossos leitores terão tido a paciencia de seguir-nos até aqui, n'esta longa e fatigante peregrinação pelas officinas dos diversos violeiros, que melhor souberam engrandecer a sua arte. O passeio foi um tanto rude e nem ao menos lhe soubemos intercalar uma que outra anedocta ou conto, que amenisasse a caminhada e adocasse a aridez de tal materia.

Para alguns porem, o menor numero de certo, mais fortes d'animo ou mais sequiosos de saber, talvez o assumpto não fosse sufficientemente desenvolvido e encontrem prazer em profundar este estudo nos melhores repositórios que lhe teem sido consagrados; a esses pode servir de auxilio e guia uma relação dos melhores livros da especialidade e não hesitamos em fornecer-lh'a na persuasão de prestar um serviço que pode ser de vantagem.

Infelizmente, na nossa litteratura musical nada ha que tenha especialmente visado a arte do violeiro e crêmos que o insignificante trabalho que hoje concluímos é o primeiro que se tem escripto em lingua portugueza, sobre tal assumpto. Em compensação, nos paizes estrangeiros muitas obras se tem publicado acerca da *lutherie* e todo o estudioso encontrará proveito em consultal-as.

Os livros de que damos a seguir a nota

são os que a nosso ver. poderão servir de mais valioso material para um estudo serio da historia dos instrumentos de arco e muito em especial do seu fabrico (1).

Alibert (J. P.): — Cheviles Alibert. Accord des instruments a archet et accord des pianos (1888).

Chouquet (Gustave): — Exposition Universelle de 1878. Rapports du Jury international. Les instruments de musique et les editions musicales. (1880).

— Le Musée du Conservatoire National de Musique, catalogue descriptif et raisonné des instruments de cette collection (1884).

Coutagne (Le dr. Henry): — Gaspard Duiffoprout et les luthiers lyonnais du XVI siècle. (1893).

Diderot et D'Alembert: — Encyclopedie. Lutherie (1780)

Dupuich (R.): — Traité de Lutherie ancienne. La cote du Violon. Ecole italienne, école française, école allemande (1894)

— (Sob o pseud. de Robert Fissore): Traité de Lutherie ancienne. Les maitres Luthiers, nouvelle cote du Violon.

Engel (Carl): — A descriptive catalogue of the Musical Instruments in the South Kensington Museum (1874).

Fétis (F. J.): — Antoine Stradivari, luthier célèbre connu sous le nom de Stradivarius, précédé de recherches historiques et critiques sur l'origine et les transformations des instruments á archet (1856).

Gallay (J.): — Les instruments á archet á l'Exposition universelle de 1867 (1867) — Les luthiers italiens aux XVII et XVIII siècles (1869).

— Les instruments á archet á l'Exposition Universelle de Vienne en 1873. — Un inventaire sous la Terreur (1896)

Grillet (Laurent): — Les ancêtres du violon et du violoncelle, les luthiers et les fabricants d'archets (1901) — 2 vol.

Grivel (V.): — Vernis des anciens luthiers d'Italie (1866) — Rapport sur le Vernis inventé par M. Victor Grivel (1867)

Hart (George): — Le Violon, ses luthiers célèbres et leurs imitateurs (trad. de l'anglais par Alphonse Royer).

Heron-Allen (Ed.): — Violinmaking, as it was and is: being a historical, theoretical

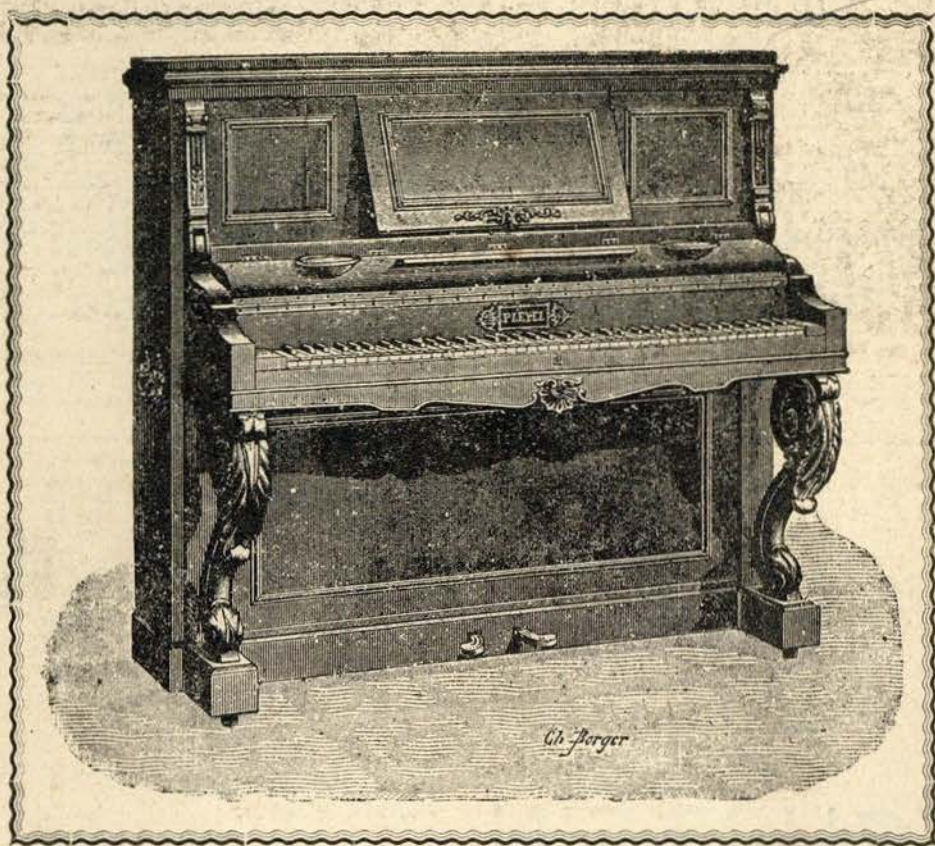
(1) Como algumas das obras mencionadas são difficeis de obter e todas ellas fazem parte da minha livraria particular, terei sincero prazer em as pôr á disposição de quem as deseje consultar

- and practical Treatise on the science and art of violin making (1885).
- Hill** (*Henry, Arthur and Alfred*):—Antonio Stradivari, his life and work, 1644 1737, (1902).
- Jacquot** (*Albert*):—Essai de lutherie décorative à l'Exposition de Bruxelles. —Les Médard, luthiers lorrains (1896).
- La Fage** (*Adrien de*):—Quinze visites musicales à l'Exposition universelle de 1855 (1856).
- Livi** (*Giovanni*):—I liutai bresciani, nuove ricerche (1896).
- Mahillon** (*Victor-Charles*):—Catalogue descriptif et analytique du Musée instrumental du Conservatoire Royal de Bruxelles (1880-1900) 3 vol.
- Mailand** (*Eugene*):—Découverte des anciens vernis italiens employés pour les instruments à cordes et à archet (1889).
- Maugin** (*J. C.*) et **Maigne** (*W.*):—Nouveau manuel complet du Luthier (1869).
- Miggé** (*Otto*):—Le secret des célèbres luthiers italiens, découvert et expliqué.
- Mordret** (*Léon*):—Les violons de Crémone (1898).
- Okraszewska** (*Jeanne*):—Leutari e Violinisti (1894).
- Piccolellis** (*Giovanni di*):—Liutai antichi e moderni, note critique biographique (1885).
—Liutai antichi e moderni. Genealogia degli Amati e dei Guarneri secondo i documenti ultimamente ritrovati (1886).
- Pierrard** (*Louis*):—Le violon, son histoire et son origine avec un précis d'acoustique et de notions sur sa construction (1902)
- Pierre** (*t. onstant*):—Les facteurs d'instruments de musique, les luthiers et la facture instrumentale, précis historique (1893).
- Pillaut** (*Léon*):—Le Musée du Conservatoire national de musique 1^{er} supplément au catalogue de 1884 (1894)
- Plassiard** (*J. A.*):—Des cordes harmoniques en général et spécialement de celles des instruments à archet (1880).
- Pontecoulant** (*Le Comte de*):—Essai sur la facture instrumentale considérée dans ses Rapports avec l'art, l'industrie et le commerce (1857).
—Organographie. Essai sur la facture instrumentale. Art, industrie et commerce (1861) 2 vol.
—La Musique à l'Exposition Universelle de 1867 (1868).
- Schroeder** (*Carl*):—Catechism of Violin playing (1889).
—Catechism of Violoncello playing (1889).
- Sibire** (*L'abbé*):—La Chélonomie ou le Parfait luthier (1806).
- Simoutre** (*N. E.*):—Aux amateurs du violon. Historique, construction, réparation et conservation de cet instrument (1900).
—Un progrès en lutherie. Support harmonique (1886).
—Supplément aux Amateurs de Violon et au Progrès en lutherie (1889).
- Straeten** (*Edmond Vander*) et **Snoeck** (*Cesar*):—Etude biographique et organographique sur les Willems, luthiers gantois du XVII^e siècle (1896).
- Tolbecque** (*A.*):—Notice historique sur les instruments à cordes et à archet (1898).
—L'Art du Luthier (1903).
- Van Hasselt** (*Ernestine André*):—L'anatomie des instruments de musique (1899).
- Vidal** (*Antoine*):—Les instruments à archet, les feseurs, les joueurs d'instruments, leur histoire sur le continent européen (1878) 3 vol.
- Vivier** (*Joseph*):—Transformation des instruments à cordes anciens et modernes en modifiant certains organes des instruments à sons mobiles de l'orchestre; Violon, Alto, Violoncelle et Contrebasse ou tous autres instruments à cordes (1893).
- Wekerlin** (*J. B.*):—Notice sur la Contrebasse.
- Wit** (*Paul de*):—Geigenzettel alter Meister vom 16. bis zur Mitte des 19. Jahrhunderts. Enthaltend auf 34 Tafeln in photographischer Reproduktion (Autotypie) über 400 Geigenzettel (1902).
- Catalogue** of the valuable collection of violins, violas, violoncellos, etc. the properties of the late George Acland Ames, Esq., and Richard Bennett, Esq. 1893.)
- Catalogue** de la collection d'instruments de musique anciens ou curieux formée par C. C. Snoeck (1894).
- Catalogue** des instruments à cordes appartenant à l'heritage Camploy et existant dans le Palazzo della Gran Guardia Vecchia de Verone (1895).
- Luthomonographie** historique et raisonnée, essai sur l'histoire du Violon et sur les ouvrages des anciens luthiers célèbres du temps de la Renaissance, par un Amateur (1856).
- The Violin Times**, revista quinzenal publicada a partir de 1893 até á presente data.

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA GHROMATIGA SEM PEDAES
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correiros, 92, 1.º

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de
gravatas, colla-
rinhos e pu-
nhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES

DE

LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A. ALABERN

OFFICINAS DE

Photogravura e Zincographia

TERRAS DO MONTE

PATEO NARCISA

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 = Lisboa

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LEITURA MUSICAL POR ASSIGNATURA

ALUGUEL DE MUSICA POR 500 RÉIS MENSAES

A casa Lambertini, suppondo prestar um verdadeiro serviço á Arte Musical e aos seus cultores, teve a honra de introduzir em Portugal o *Aluguel de Musica*, pelo systema ja de ha muito adoptado nas grandes çasas estrangeiras da especialidade e apenas com uma differença—a de ser muito mais economico que lá fóra.

Ao principio, o systema não foi comprehendido por todos e houve hesitações em aceitar a nossa *Leitura Musical*, como uma distracção e um passatempo interessantissimos e como o unico meio de formar uma boa educação artistica.

Triumphou finalmente dos velhos habitos e rotinas, a boa orientação artistica dos nossos principaes amadores, e finalmente se comprehenderam todas as vantagens que podem advir de uma leitura constante das melhores obras musicas em todos os generos, já pela facilidade de tocar á primeira vista, já pelo estudo dos grandes mestres, já pela analyse das diversas escolas, já finalmente, pela deliciosa distracção que isso proporciona aos que amam a divina Arte dos Mozart e dos Beethoven.

Pecam-se os catalogos e supplementos

LAMBERTINI

43, 44, 45, P. Restauradores, 47, 48, 49

ARTE MUSICAL

Compram-se os n.ºs 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59 da presente publicação.

Diz-se n'esta redacção.

44, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua das Pretas, 23</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 5 r/c</i>
M.º Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão. 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atasfonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Paulo Navone , prof. de harpa e violoncello, <i>Praça da Batalha, 115, PORTO</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA